Música e poesia do ser(tão) nordestino de Patativa do Assaré

Henrique Pereira Rocha (FAC)
Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG)
José Clerton de Oliveira Martins (Universidade de Fortaleza)

Resumo: A obra do poeta popular cearense Patativa do Assaré e sua própria existência individual serviu como parâmetro para a verificação dos conceitos elaborados ao longo deste estudo, no qual estão transcritas algumas das poesias como forma de situar a obra dentro de cada contexto teórico abordado. Além da exposição dos conteúdos utilizados como fundamentação teórica, a análise de discurso foi empregada como recurso metodológico para a leitura da obra do poeta e observação dos contextos aos quais ela se refere, procurando fazer uma inter-relação entre a pesquisa bibliográfica da obra e o suporte teórico adotado. A partir de uma expressão de manifestação popular característica de um lugar, foi possível fazer relações entre o sentido de ser cearense e definir alguns dos aspectos de identificações culturais consolidados em um determinado espaço territorial possíveis de serem articulados através da elaboração subjetiva de elementos culturais e existenciais.
Palavras-chave: Subjetividade, identidade, poesia popular.

Abstract: The works of popular poet Patativa of Assaré and his individual existence served as parameter for the verification of the concepts elaborated throughout this study, in which some of the poetries are transcribed as form of placing the work inside of each approached theoretical context. Besides the exhibition of the contents used as theoretical base, the speech analysis was used as methodological resource for the reading of the poet's work and observation of the contexts to which it refers, trying to do an interrelation between the bibliographical research of the work and the adopted theoretical support. Starting from an expression of manifestation popular characteristic of a place, it was possible to do relationships among the sense of to be from Ceará and to define some of the aspects of cultural identifications consolidated in a certain territorial space possible of to be articulate through the subjective elaboration of cultural and existential elements.
Keywords: Subjectivity, identity, popular poetry.

ROCHA, Henrique Pereira; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Música e poesia do Ser(tão) nordestino de Patativa do Assaré. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 54-72, dez. 2007.

A obra do poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, tem como uma de suas principais características a interpretação do espaço no qual viveu durante toda sua vida. As temáticas e conflitos encontrados em sua poesia estão intimamente associados ao ambiente ao qual pertenceu e à sua vivência cotidiana. De seus 93 anos de existência, interrompidos em 08 de julho de 2002, quase 60 foram dedicados à tarefa de agricultor, trabalhando o pedaço de terra herdado de seu pai no sertão elevado da Serra de Santana, a 18 quilômetros da sede municipal, Assaré, localizada na região do Cariri cearense. Uma de suas mais notórias particularidades era a grande capacidade que tinha em ter seus versos guardados na memória. O tempo de Patativa dedicado ao trabalho no campo é o mesmo que ele dedicava a construir suas rimas, acertar suas métricas e afinar seu ritmo. Seu tempo de escritura era, também, o seu tempo de plantar, de colher, de tratar a terra.

A partir da idéia principal de se firmar parâmetros para distinguir uma identidade, ou identidades, características da elaboração subjetiva da cultura cearense a partir da análise da obra de Patativa do Assaré e da busca mais íntima de sua individualidade que se destacasse como uma referência coletiva de ser cearense, coube observar também o conceito de territorialidade e uma contextualização do espaço referente ao Nordeste brasileiro, pelas suas particularidades regionais que implicam em significados e constrói sentidos à obra de Patativa do Assaré.

A escritura poética de Patativa do Assaré é explorada neste trabalho para pontuar alguns sentidos de valor identitário onde é possível associar a "razão" de ser do homem natural do Estado do Ceará com uma obra de expressão de manifestação popular produzida por um indivíduo neste mesmo espaço geográfico. A poesia popular como escrita cultural e de revelação de subjetividade é abordada neste trabalho dentro dos princípios de significação que o homem dá a sua existência. Além disso, essa manifestação cultural pode ser uma referência para a interpretação e análise da subjetividade dentro de um determinado espaço social.

O poeta Patativa do Assaré foi escolhido por sua obra referir-se a este sentido de identidade regional e sua análise proporcionar a problematização de formas de elaboração de subjetividade a partir da existência do indivíduo e de sua relação com seu ambiente natural, revelando sentidos de identificações com outros indivíduos e com seu território. A partir destas observações, a importância deste poeta é fundamentada como referência para outras expressões de cultura popular, como referencial icônico da cultura cearense, como homem criador de elementos de representação cultural, e por fim, como sujeito em consonância com seu espaço, seu tempo e ciente de sua existência. Ao longo do trabalho, estão transcritos trechos da produção poética de Patativa do Assaré, como suporte para a

compreensão e verificação da relação possível entre produção poética e marcos teóricos adotados e neste artigo.

Fundamentos para a investigação do sujeito criador

A obra de Patativa do Assaré serve de subsídio, ao logo deste breve trabalho, para interrelacionar nossa argumentação a respeito da pertinência deste autor como referência para a verificação de valores subjetivos do povo cearense que estão presentes em expressões de sua cultura, principalmente em sua cultura popular tradicional. Este caráter de interdisciplinaridade pontuou a escolha metodológica, já que encontramos dentro deste contexto das ciências humanas instrumental de pesquisa oriundo das ciências sociais, e apesar do conteúdo investigativo ter uma forte inclinação antropológica, o enfoque está contido na observação e análise de discurso do indivíduo como sujeito cultural e as formas como ele se relaciona com seu mundo. Tendo por fundamento descrever e analisar o indivíduo produtor do recurso material objeto de pesquisa da problemática - sua obra literária -, e os ambientes – social, natural e mítico – onde esta obra foi produzida e em que ela pode legitimar sua escolha como ponto de partida para um discurso sobre os processos de sofrimento e exclusão identificados na cultura cearense, resultante de processos históricos e econômicos relatados a partir da elaboração de um discurso de dominação.

Como bem observou Gilmar de Carvalho (1997, p. 8), Patativa foi o "camponês de mão grossa, e fina sensibilidade, encontrava na comunhão com a terra a força que seu verso emanava." É a partir deste sentido de apropriação de lugar através da poesia que procuraremos destacar alguns temas recorrentes na obra de Patativa do Assaré que fazem de sua produção literária um referencial descritivo para o leitor e revelador dos sentidos do poeta na apropriação dos ambientes na sua memória. A poesia popular de Patativa é impregnada de força telúrica, revelada ora pela permanência de sua força oral, ora pela distinção em que os poemas são grafados, conservando as características principais de sua fala.

Patativa possuía uma visão cosmológica de seu lugar, um sentido de apropriação que o fez permanecer a vida toda no ambiente com o qual se identificava e se inspirava, onde se reconhecia e onde podia exercer sua ética sertaneja. Desse entendimento, muito antes de estabelecer uma dicotomia entre cidade e campo, Patativa tinha distinção dos espaços urbano e rural, dos quais optou por este último para torná-lo próprio. Assim proclamando através de sua poesia (ASSARÉ, 2004, p. 25-29):

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Você teve inducação,
Aprendeu munta ciença,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiença.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de fejão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Sentido de lugar e estar no mundo

O epíteto de pássaro recebido por Antônio Gonçalves da Silva, referente à patativa, ave reconhecida pelo seu belo cantar, parece muito adequado a sua condição de poeta integrado com a natureza e sua cultura. Uma integração que para Patativa, segundo Carvalho (2002, p. 4), revelam uma mesma angulação em relação ao real. Natureza e cultura na poética não estão dissociadas, como estariam a partir de uma visão antropológica. A poesia flui não apenas como expressão, mas como uma visão de mundo:

> Patativa nos propõe uma poesia de construção, lança as bases de questões em que emerge uma ética pessoal, que passa por uma estética e, por isso, ganha uma dimensão mais ampla, de uma fala que é poética e é histórica. Apesar de toda a força de uma dicção inaugural do mundo e da ancestralidade de que se reveste, é a fala de um homem político, que diz sobre outros

> homens, em determinadas condições econômicas e sociais, fala que é enunciada de um lugar específico, apesar de sua universalidade, em que subjaz uma regionalidade que, longe de limitar, reforça esse cosmopolitismo sem fronteiras, a partir de todo um substrato de Humanidade. (CARVALHO, 2002, p. 59)

A reorganização do tempo e do espaço atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana. De acordo com Anthony Giddes, em "Modernidade e Identidade", os pobres, em particular, seriam excluídos da possibilidade de escolher estilos de vida. As divisões de classe e outras formas de estabelecer desigualdades seriam fatores de acesso diferenciado a formas de auto-realização e de acesso ao poder. Enfim, a modernidade "produz diferença, exclusão e marginalização". Apesar não ser nosso objetivo aqui discutir a modernidade, convém atentar para algumas das interferências deste novo mundo industrializado, no qual as relações sociais dele derivadas implicam no uso da força material do maquinário nos processos de produção, resultando no sistema de produção de mercadorias, competitividade e mercantilização da força de trabalho, que conhecemos por capitalismo (GIDDES, 2002, p. 13, 21).

Mesmo distante dos grandes centros industriais, a modernidade e seus impactos não escapou à observação de Patativa do Assaré, que assumiu através da linguagem poética uma forma de medição entre sua experiência humana individual e a experiência coletiva. Sua palavra falada registra como as transformações e adaptações de formas tradicionais de relacionamento com o território e com o meio social, revelando transições nas vidas dos indivíduos que, de acordo com Giddes (2002, p. 37), demandam também reorganizações de ordem psíquica.

Desta forma, Patativa escreve e inscreve sua identificação e reconhecimento como homem trabalhador identificado com tantos outros no Nordeste do Brasil, como se pode verificar em "Caboclo Roceiro" (ASSARÉ, 2003, p. 99-100):

Caboclo roceiro das plagas do norte,
Que vives sem sorte, sem terras e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
És rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,
De dores e trevas, debaixo da cruz
E as crises cortantes quais finas espadas,
São penas mandadas por Nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo, não guardes contigo esta crença,
A tua sentença não parte do céu.

O Mestre Divino, que é Sábio Profundo,
Não fez, neste mundo, o teu fado infeliz.
As tuas desgraças, com tuas desordens,
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.

A Lua te afaga sem ter empecilho,
O sol o seu brilho jamais te negou,
Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia na roça, de enxada na mão.
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,
Tu és meu amigo, tu és meu irmão.

A forma incisiva com a qual Patativa trata as relações de trabalho em sua poesia, em particular o sistema fundiário, fez com que ele chegasse a ser considerado subversivo. Mesmo correndo o risco de ser taxado de comunista, situação que rebatia prontamente, Patativa não poupou críticas à dominação econômica sofrida pelos trabalhadores rurais. Gilmar de Carvalho (1997, p. 64-65) refere-se à poesia de Patativa do Assaré como "canto de trabalho", um canto solitário e silencioso, ritmado pelo bater da enxada no chão de barro. A composição dos poemas, guardados na memória, separados por termas, como se armazena o feijão, a fava e o milho nos silos de folha-de-flandres. Uma poesia comprometida com a terra, porque é na terra que ele investe seu tempo, seu trabalho, e foi

especialmente durante sua lida na roça que ele criou boa parte de sua obra, floração da natureza e da poesia.

Porém, o trabalho associado à condição do homem rural no interior nordestino não é visto pelo poeta sempre sob a perspectiva do sacrifício e das relações de sujeição do mais rico contra o mais pobre, do letrado contra o analfabeto, do homem da cidade contra o homem do campo. No texto a seguir, podemos ver alguns sinais da ética sertaneja defendida por Patativa do Assaré, bem como referências à realidade do trabalho do vaqueiro na fazendo de gado: ofício passado de pai pra filho, fidelidade ao patrão (não por subserviência, mas pelo esquema de recompensa do trabalho através das partilhas), orgulho de sua couraça de couro e a amizade com o cavalo companheiro de trabalho. Por fim, "O Vaqueiro" diz (ASSARÉ, 2003, p. 213-216):

Eu venho dêrne menino,
Dêrne munto pequenino,
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhô.
Eu nasci pra sê vaquêro,
Sou o mais feliz brasilêro,
Eu não invejo dinhêro.
Nem diproma de dotô.

Sei que o dotô tem riqueza.
É tratado com fineza,
Faz figura de grandeza,
Tem carta e tem anelão.
Tem casa branca jeitosa
E ôtas coisa preciosa;
Mas não goza o quanto goza
Um vaquêro do sertão.

Da minha vida eu me orgúio,
Levo a jurema no embrúio
Gosto de vê o barúio
De barbatão a corrê,
Pedra nos casco rolando,
Gaios de pau estralando,
E o vaquêro atrás gritando,
Sem o perigo temê.

Criei-me neste serviço,
Gosto deste reboliço,
Boi pra mim não tem feitiço,
Mandinga nem catimbó.
Meu cavalo Capuêro,
Corredô, forte e ligêro,
Nunca respeita barsêro
De unha de gato ou cipó.

[...]

Eu não invejo riqueza
Nem posição, nem grandeza,
Nem a vida de fineza
Do povo da capitá
Pra minha vida sê bela
Só basta não fartá nela
Bom cavalo, boa sela
E gado pr'eu campeá.
Somente uma coisa iziste,
Que ainda que teja triste
Meu coração não resiste
E pula de animação.
É uma viola magoada,
Bem chorosa e apaxonada,
Acompanhando a toada
Dum cantadô do sertão.

Tonho sagrado direito
De ficá bem sastifeito
Vendo a viola no peito
De quem toca e canta bem.
Dessas coisa sou herdêro,
Que o meu pai era vaquêro,
Foi um fino violêro
E era cantadô tombém.

Nesse jogo de elaboração discursiva, verificamos algumas condições de coexistência e organização da subjetividade (como indivíduo singular, com história, necessidades e desejos próprios) e do trabalho (imposição de eficácia, normas e resultados). Por fim, organização da coletividade (relações entre iguais e relações hierárquicas, normas e valores

de convivência social no trabalho) (MENDES, in: TAMAYO, 2004, p. 67), agravada pelas relações de propriedade latifundiária, assunto presente na obra do autor em questão. Em um primeiro momento podemos perceber a poesia como resultado da relação de Patativa do Assaré com o trabalho, configurando-se como um fruto da elaboração de seu sofrimento criativo, a operação de soluções originais, favoráveis simultaneamente à produção e à saúde (DEJOURS, 1987).

O processo de apropriação do ambiente por Patativa do Assaré remete à transformação do espaço em lugar significativo a partir da experiência do poeta, que evoca as características intrínsecas de um espaço que é transformado em lugar. (POL, 1994,49) A extensão da apropriação pode ser observada em processos de identificação espacial e composição simbólica organizadas por Enric Pol (1994), onde este autor relaciona os processos afetivos, cognitivos e interativos. A partir destes processos, a par da leitura da obra do poeta em questão, é possível sem muito esforço entender a dimensão da importância do ambiente na constituição estética de sua obra. Se já tivemos antes exemplos relativos à identificação coletiva e à ética sertaneja, um processo cognitivo agora seria nos dado pela pertinência do conhecimento cosmológico de Patativa, exposto em (ASSARÉ, 2003, p. 154-156):

Esta terra é como o Só
Que nace todos os dia
Briando o grande, o menó
E tudo que a terra cria.
O só quilarêa os monte,
Tombém as água das fonte,
Com a sua luz amiga,
Potrege, no mesmo instante,
Do grandaião elefante
A pequenina formiga.

Esta terra é como a chuva,
Que vai da praia a campina,
Móia a casada, a viúva,
A véia, a moça, a menina.
Quando sangra o nevuêro,
Pra conquistá o aguacêro
Ninguém vai fazê fuxico,
Pois a chuva tudo cobre,
Móia a tapera do pobre
E a grande casa do rico.

Esta terra é como a lua,
Este foco prateado
Que é do campo até a rua,
A lampa dos namorado;
Mas, mesmo ao véio cacundo,
Já com ar de moribundo
Sem amô, sem vaidade,
Esta lua cô de prata
Não lhe dêxa de sê grata;
Lhe manda quilaridade.

Expressão cultural como meio de elaboração de subjetividade

Na perspectiva do que já foi visto até agora, partimos neste momento a destacar conceitualmente os fundamentos que justificam a escolha de uma manifestação da cultura como elemento de referência e significação para se articular com as categorias de pensamento que relacionamos neste trabalho. O sentido de cultura e os sentidos de subjetividade são vistos nesta pesquisa como elementos presentes constantemente, ora de maneira mais destacada, ora como sustentação para outros conceitos e categorizações. A articulação de elementos e significações culturais aos quais temos nos referido, concretamente expostas pela poesia popular de Patativa do Assaré, é fruto também de uma conexão com valores subjetivos articulados mentalmente e que sofrem influências do meio e que são ainda potencializados pela experiência vivida individualmente.

Para que este argumento fique mais claro, compartilhamos com a definição de Roque de Barros Laraia na qual o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Este homem reúne em si conhecimento e experiência, frutos de um longo processo de acumulação herdada pelas gerações que o antecederam (LARAIA, 1992, p. 46). Esta cultura posta em movimento permite inovações e invenções, que antes de serem consideradas uma ação individual, ela guarda os valores de uma ação coletiva, característica do sentido de ser social destes indivíduos. Este sentido de ação individual que reflete um conhecimento coletivo remete-nos a considerar aqui em breves palavras a importância do poeta Patativa do Assaré como referência e arauto dos valores de sua cultural regional, mesmo que tomados a partir de sua experiência individual. Mais do que reconhecimento midiático ou acadêmico, a obra de Patativa do Assaré se impõe como conceito de uma existência coletivizada, onde seus versos conseguiram repercutir sentimentos comuns ao seus pares, e mais, conseguiu transmitir essa experiência cultural para outros – no caso,

leitores de sua obra que não partilharam de sua cultura coletiva nem de sua territorialidade- expandindo a importância e a estima pela sua obra poética.

Isto posto, voltamos aqui a dedicar-nos a constituição de um sentido de cultura para abrir um campo de entendimento para os processos de elaboração de subjetividade dentro desta perspectiva cultural, ainda que saibamos da vastidão conceitual possível de exploração para este fim. Para o antropólogo Clifford Geertz, a pesquisa neste campo da cultura deve se conduzir pela análise das estruturas de significação a partir de um procedimento etnográfico, onde para ele, esta própria etnografia é uma descrição densa. O pesquisador enfrenta "uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar" (GEERTZ, 1989, p. 20). A cultura, pois, apresenta-se como um conjunto entrelaçado de signos interpenetráveis que não agem por casualidade, e sim por um contexto, que pode ser descrito de forma inteligível. O esforço no qual temos procurado nos concentrar no relato desta investigação é justamente no sentido de revelar um contexto cultural, ainda que fruto de elementos díspares, mas que pela natureza do objeto observado nos faz aqui reunir tão densas e complexas categorias de pensamento.

Para sedimentar o conceito de cultura para esta pesquisa, recorremos mais uma vez ao pensamento, de Geertz, para quem a cultura denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GERTZ, 1989, p. 103). A importância e permanência de referências a símbolos e significações, já tão destacadas e repetidas neste trabalho, está no fato de que estes termos vêm a expressar concretamente e de forma arbitrária, como é o caso dos símbolos, e de forma subjetiva, como é o caso das significações, a articulação do pensamento ativo do homem como ser cultural e que inevitavelmente topamos durante todo o processo de elaboração discursiva deste artigo.

Faz-se necessário ainda nos deter-nos neste assunto para categorizar o sentido de cultura popular, que entendemos necessário para a compreensão da categoria conceitual onde se encontram as expressões de poesia popular. Temos que o estudo da cultura popular, segundo Antônio Augusto Arantes, está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pelas diversas correntes da antropologia, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da cultura. Constata-se que são muitos os seus significados e bastante heterogêneo e variável os eventos que esta expressão recobre (ARANTES, 1988, p. 7). Contudo, tentaremos construir, no mínimo, um perfil do que seja a cultura popular para podermos fundamentar o valor desta categoria.

A origem do termo popular está associada às referências feitas ao padrão de comportamento considerado rústico dentro das sociedades modernas, o que passou a ser notório diante do crescimento dos agrupamentos sociais, provocando o interesse pelo conhecimento dos setores subalternos para ver como eles podiam se integrar. A menção mais antiga ao conceito pode ser identificada em escritos de Montaigne e Blaise Pascal, pensadores dos séculos XVI e XVII, com o surgimento do popular sendo associado com o crescimento da economia de mercado e, posteriormente, com a formação dos estados nacionais no século XIX que conduziram à unificação dos grupos sociais em cada país. Por outro lado, há uma visão de que a questão sempre existiu na história da humanidade, notoriamente na função "pão e circo" da relação Estado e Povo do império romano. De modo mais concreto, a idéia moderna de cultura popular sugerido por Burke, citado por Strinati (1999, p. 20), está associada às primeiras formas de consciência nacional no final do século XVIII, numa tentativa de constituir a cultura popular em cultura nacional. Vale registar que a esta mesma época encontra-se assinalado nos escritos do poeta alemão Herder a distinção entre cultura vulgar e cultura erudita, onde já se registra a desigualdade nos modos de vida das distintas classes sociais que passaram a dividir espaço nas concentrações urbanas que ora passavam por um acelerado processo de crescimento.

Contudo, encontramos na definição de Raymond Williams em Strinati (1999, p. 20) as nuances das mudanças de perspectiva do conceito de cultura popular nos séculos XVIII e XIX, onde o popular constitui-se em tudo o que poderia ser considerado do ponto de vista do povo. Entretanto, havia a predominância de duas conotações mais antigas, onde podia ser tanto "um tipo inferior de trabalho", quanto uma "obra deliberadamente agradável" para ser aceita com facilidade. Com o tempo surge uma outra conotação, a de "coisa apreciada por muitos", que prevaleceu até o surgimento de um conceito diferente de todos os demais determinado como "cultura feita pelo próprio povo", aceito até os dias de hoje. Mesmo que ainda na sociedade capitalista, o que é popular ainda é necessariamente associado ao fazer desprovido de saber (ARANTES, 1988, p. 14), os estudos tanto em cultura folclórica quanto em cultura popular vêm sempre rebater este ponto de vista, apresentando inequivocamente provas do valor do conjunto organizado de conhecimento que pode ser encontrado nestas duas formas de cultura.

Desde a emergência do interesse pelo estudo do conhecimento cultural dos segmentos subalternos nas sociedades agrárias e urbanas pós-revolução industrial até os dias de hoje, o termo popular assumiu vários significados e foi utilizado em diversas aplicações. Para o professor Nestor Garcia Canclini (s.d.), esta pluralidade de significados e aplicações do popular contribuiu para dificuldade de seu entendimento:

> O popular não corresponde com precisão a um referencial empírico, a sujeitos ou situações sociais nitidamente identificáveis com a realidade. É uma construção ideológica cuja consistência teórica ainda está por alcançar-se. É mais um campo de trabalho que um objeto de estudo cientificamente delimitado.

O sentido de cultura popular que estabelecemos para aplicar neste trabalho está no princípio de que esta manifestação corresponde a toda cultura espontânea cultivada pelo povo e que se encontre ligada à tradição oral, livre, sagrada ou profana, e sobretudo coletiva. As manifestações de cultura popular se solidificam na medida em que reforçam sua própria lógica, longe de interferências externas que objetivam transferir para os eventos populares uma nova ordem determinada como sendo a ideal. A determinação dos conteúdos está a cargo de cada grupo, segundo suas concepções lógicas e estéticas, que refletem suas próprias leituras acerca da realidade. Por outro lado, não podemos pensar a existência de um sistema cultural que esteja em contato com outros sistemas sem que este adapte para si aspectos externos, estando imune a interferências culturais internas e externas. Ele nunca será afetado apenas por seus fenômenos internos, fará certamente um processo de filtragem das mensagens externas existentes em seu meio antes de apropriar-se delas e incorporá-las à sua prática cultural.

Do ponto de vista político, Teixeira Coelho (1999, p. 120) determina duas visões para definir a cultura popular: a visão dedutivista, onde a cultura popular não possui autonomia, já que está subordinada à cultura da classe dominante, cuja força rege a recepção e criação popular, sendo seu conhecimento estabelecido através da perspectiva da cultura dominante; e a visão indutivista, onde a cultura popular é um corpo de características próprias, inerentes às classes subalternas, com uma criatividade específica e um poder de contestação dos modos culturais predominantes. É uma abordagem errônea tentar distinguir os domínios de uma cultura dita erudita e outra chamada popular, criando um conflito entre estas duas culturas, já que dentro do universo cultural existem zonas de imbricação onde o que chamamos de cultura hegemônica, produzida pelas classes dominantes, mesclam-se com a cultura das classes subalternas. A cultura popular define-se de modo geral como a cultura feita e praticada no cotidiano e nos momentos cerimoniais da vida do povo, ou dos diferentes povos que compõem o povo, com conteúdos estéticos próprios de sua significação, em manifestações como música, poesia, artesanato, danças, representações dramáticas, etc.

O desenvolvimento do sentido de subjetividade designado a dar validade aos argumentos postos até aqui pode ter como ponto de partida a capacidade que se desenvolve nos indivíduos de adquirir formas de compreender e participar, de formular metáforas e parâmetros, eixos cognitivos e destrezas específicas dentro de matrizes sociais,

nas quais estão inclusas a ciência e a cultura (SCHNITMAN, 1996, p. 10). Os processos culturais e a subjetividade humana estão interconectados constituindo um sistema aberto, que em suas interfases e conflitos surgem configurações culturais complexas. A experiência de expressar-se através de manifestações da cultura, particularmente da cultura popular, mantêm nos indivíduos a vivacidade de experimentar esta representação de suas subjetividades. Particularmente neste trabalho, temos procurado citar as subjetivações mais importantes às quais se propõe a investigação: o sentido de territorialidade associado ao sentimento de cearensidade, pela divisão de experiências comuns dentro deste mesmo espaço físico, e o sentido de identidade, ou ainda identificações, possíveis de serem verificados para esta coletividade.

Nenhum destes elementos poderia sofrer um processo de análise sem a observação e contextualização de sua auto-referência ou reflexibilidade. Estes elementos, frutos da consciência de ser consciente e da consciência em si, são, segundo Edgar Morin, inseparáveis (*apud* SCHNITMAN, 1996, p. 53). Está ainda presente na subjetividade humana um lugar habitado pelas noções de alma, de espírito e de anima aos quais Morin se refere para alertar contra o erro de reduzir a subjetividade somente à afetividade, à contingência, à consciência (*ibid.*). Relembrando que ao considerar para este estudo o indivíduo como ser biopsicossocial, procuramos justamente apostar na propagação deste sentido de que há de mais humano no indivíduo ao elaborar conteúdos de significação cultural a partir de seus processos de subjetivação. Humano, é bem dizer, assumindo sua diversidade cultural e as possibilidades de formulação de sentido para sua vida cotidiana, mesmo que para alguns seja um processo menos complexo e que para outros exija mais prolixidade.

Uma visão da obra a partir de seu discurso

Um aspecto importante abordado por Minayo e Sanches (1993, p. 245) é a consideração da palavra expressa através da fala cotidiana como o material primordial da investigação qualitativa, em qualquer das suas relações, sejam afetivas, técnicas, burocráticas, políticas ou intelectuais. Para termos como exemplo, a fala, em nossa pesquisa, foi investigada em sua forma de apresentação textual, que é o suporte em que se encontra os registros poéticos de Patativa do Assaré, para assim se alcançar referências às problemáticas que são tratadas na pesquisa.

A análise qualitativa completa interpreta a fala ou o conteúdo destes discursos dentro de um quadro de referência proposto a partir da problemática investigada, onde a ação e a ação objetivada nos contextos recortados permitem ultrapassar a mensagem revelada e atingir os significados latentes. Significados estes que acreditamos ser o substrato dos conteúdos utilizados para estabelecermos um padrão de observação das expressões de

subjetividade na obra de Patativa do Assaré, que são ao mesmo tempo reveladoras do poeta enquanto indivíduo e que estejam referendadas no imaginário de seu grupo social e no ambiente em que viveu e produziu sua obra.

Para enfocar este estudo de texto de maneira que ele tenha validade como objeto de verificação científica, fundamentamo-nos na análise de discurso como uma teoria aplicável à necessidade de investigação imposta pela natureza do material estudado. De acordo com Rosalind Gill, a análise de discurso é uma rejeição a noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Não basta apenas criar-se uma definição sobre um discurso analítico, é necessário dizer algo mais. Esta autora destaca como uma das correntes teóricas da análise de discurso, o pós-estruturalismo por romper com as visões realistas da linguagem e rejeitar a noção de sujeito unificado coerente (BAUER; GASKELL, 2002, p. 246). A proposição de análise de discurso que se formula aqui e se insere no contexto deste trabalho está não em detalhes do texto escrito, mas observar historicamente os discursos postos nestes textos.

Desta forma, compartilhamos com Gill a importância de se destacar quatro temas principais ao recorrer a este enfoque: a preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; a ênfase no discurso como uma forma de ação; e por fim, a convicção da organização retórica do discurso (p. 247). O discurso observado como prática social aproxima-se bastante do que já foi exemplificado neste trabalho a partir da obra de Patativa do Assaré, resultado da preocupação de explicitar um envolvimento simultâneo em analisar o discurso e em expor o contexto interpretativo no qual este discurso está inserido. Esta caminhada entre texto e contexto não pode sugerir de imediato um apego ao material estudado, mas sim a adoção inicial de uma leitura cética com foco na construção, organização e função do discurso, como meio inclusive de se fugir de idéias gerais.

A delimitação do gênero de discurso a ser identificado com a obra de Patativa do Assaré leva em consideração o relacionamento de falas e lugares, que demonstrem o status respectivo dos enunciadores e dos co-enunciadores, as circunstâncias temporais e locais da enunciação, o suporte e modos de difusão, os temas que podem ser introduzidos, e, por fim, a extensão e modo de organização do discurso. Todo esse processo é mediado por uma reflexão sobre a linguagem pesquisada, finalizando com uma interpretação que venha a restituir pensamentos e sentimentos comuns que estão nas brechas, nas entrelinhas, da poesia de Patativa do Assaré (PÊCHEUX, 1990). É importante observar a articulação da enunciação do texto de Patativa do Assaré com seu lugar social como um dos focos principais do estudo. Desta forma temos a segmentação do campo discursivo onde o poeta desenvolve sua formação discursiva e, por fim, estabelece os parâmetros de seu gênero discursivo.

Reflexões finais

Procuramos neste texto destacar a pertinência e abrangência da escritura poética de Patativa do Assaré, onde a regionalidade elabora formas de comunicar e o sentido presente e local das temáticas exploradas, possibilitam um sentido de universalidade, ainda que a presença simbólica de elementos de identidade singular seja constante. A diversidade temática de sua produção é marcante, revelando seu interesse pelos acontecimentos de seu cotidiano local, mas também do mundo global, predominando as temáticas que exploram aspectos sociais e culturais. Este sentido de ser e estar no mundo, produziu conteúdos de onde pudemos extrair situações de sofrimento, de prazer e desprazer, que puderam ser enxergadas nas entrelinhas do discurso poético de Patativa do Assaré, convertendo-se em uma interpretação de sua existência relacionada ao seu trabalho e de que modo ele pôde falar, expressar-se, para descrever seus sentimentos e reflexões sobre os fenômenos que ocorriam ao seu redor.

O conhecimento popular – no meio urbano e rural do Estado do Ceará – acerca da obra de Patativa do Assaré e da singularidade de sua existência como artista popular, produziu sentidos de identidade e identificações compartilhados por sua coletividade, entendida como sendo os indivíduos conhecidos por cearenses. Além de compartilhar o sentido de serem naturais do mesmo espaço territorial, estes indivíduos compartilham também experiências relacionadas a modalidades de elaboração de subjetividade que podem ser ditas como comuns, por dividirem os mesmo valores individuais, que neste trabalho procurei explorar através da transcrição de poesias de Patativa como uma forma possível de verificação da problemática apresentada.

A escolha de uma expressão de cultura popular tradicional para dar validade aos conceitos abordados mostra-se legítima, pois representa um campo de elaboração de subjetividade que encontra intercessões com os conteúdos abordados, revelando possibilidades de interpretação desde aspectos individuais, aos de sentido mais coletivo. A natureza em Patativa é lugar, matéria e tempo. Lugar onde ele interage com as forças da terra, com os ambientes naturais e os modificados pela cultura. Matéria que deixa de ser referência literária para compor seu cotidiano, revelando-se nos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Tempo marcado pelos ciclos não lineares do relógio da natureza, com processos de vida e morte bem definidos.

A interatividade em Patativa tem um sentido que remete à própria história de vida deste personagem, pela incessante lida do poeta-agricultor com o seu ambiente de inspiração artística. Esta vivência constante com seu lugar natural proporcionou a Patativa um domínio e conhecimento do seu espaço e conseqüente apropriação imperativa,

chegando mesmo a muitas vezes dizer que não lhe agradava a idéia de comercializar sua poesia, algo que nos soa como uma associação ao seu lugar, um lugar que não poderia ser negociado. A obra de Patativa do Assaré mantém em si lembranças que são facilmente guardadas e compartilhadas por expressões regionais e pelos nomes das coisas e seres vivos que existiram em seu ambiente natal. A escrita de seus versos, que reproduz fidedignamente sua narrativa oral, conserva para o leitor o ritmo e o compasso de seu pensamento, revelando a harmonia existente entre a razão de sua obra e o sentimento cultivado pela terra a qual viveu aferrado.

O universo descrito por Patativa do Assaré revela-se como um vasto campo de possibilidades de entendimento e de despertar de sensações. Mesmo que percorrendo caminhos tão peculiares como é o da poesia popular - gerada a partir da oralidade e que na transcrição para o suporte gráfico procura manter as características originais da fala -, é possível articular interseções entre um conhecimento destituído de formalidade e apegado a emoções artísticas com um conhecimento resultado da elaboração de teorias e conceitos aceitos cientificamente pela comunidade acadêmica. Do processo inicial de pesquisa bibliográfica que se deu ao longo da elaboração deste artigo, à imersão em sua obra e o conhecimento da experiência de vida deste homem, mais que a formulação de novas estruturas de percepção fundamentadas pela verificação científica, podemos entrever agora outros sentidos de existir e perceber o mundo ao nosso redor.

Referências

ARANTES, Antônio Augusto. *O Que é Cultura Popular*. 13.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. Ni Folklórico Ni Masivo ¿Qué es lo Popular? *Revista Diálogos de la Comunicación*, n. 17, p. 6-11, jun. 1987.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré*: Pássaro Liberto. Fortaleza: Museu do Ceará, 1997. (Coleção Outras Histórias, v. 11).

CHANLAT, Jean-François. *O Indivíduo e as Organizações* (v. 1). São Paulo: Atlas, 1996a.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Cultura organizacional e prazer-sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica. In: TAMAYO, Alvaro (org.). *Cultura e saúde nas organizações*. Porto Alegre: Artmed, 2004, v. 1, p. 59-76.

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, jul./set. 1993, p. 239-263.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento.* Campinas: Pontes, 1990.

POL, Enric. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric (orgs.) *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions, 1994, p. 45-62.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: ArtMed, 1996.

TEIXEIRA COELHO, José. *Dicionário Crítico de Política Cultural.* 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.* Petrópolis: Vozes, 2003.

Henrique Pereira Rocha. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Jornalista pela Universidade Federal do Ceará. Professor das Faculdades Cearenses/FAC.

Iranilson Buriti de Oliveira. Doutor em Historia Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande, PB. Coordenador do Mestrado em História da UFCG. Pesquisador do CNPq.

José Clerton de Oliveira Martins. Doutor em Psicologia pela Universidade de Barcelona (Espanha) com pós-doutorado em Leisure Studies pela Universidade de Deusto (Espanha). Professor titular da Universidade de Fortaleza.